

3.4 “Sobre o Rio” e a invisibilidade dos córregos urbanos em Belo Horizonte

Isabela Prado [0000-0002-5220-3673], Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Belo Horizonte, Brasil. isabelaprado.ip@gmail.com

Resumo - O presente capítulo apresenta e discute a obra “Sobre o Rio”, intervenção artística urbana permanente de minha autoria, que consiste na instalação de placas de sinalização nas ruas de Belo Horizonte para indicar a presença de córregos, afluentes do Ribeirão Arrudas, canalizados sob as ruas da cidade. Este trabalho se insere na pesquisa poética *Entre Rios e Ruas* – composta por desenhos, fotografias, objetos, vídeos, instalações e performances – que reflete sobre as relações entre cidade, meio ambiente e indivíduo, tendo como ponto de partida a relação que Belo Horizonte estabeleceu desde sua fundação e estabelece ainda hoje com os rios e córregos presentes em seu território. Alguns dos elementos a serem destacados são: o caráter público e permanente da obra, seu entendimento enquanto um monumento para a cidade, e as características do processo de criação, construção e instalação que levam a uma diluição da fronteira entre a obra de arte e a intervenção do poder público municipal.

Palavras-chave - Arte contemporânea, intervenção urbana, meio ambiente, Belo Horizonte

Resumen - Este texto presenta y discute la obra “Sobre o Rio”, intervención urbana permanente de la artista plástica Isabela Prado, que consiste en la instalación de carteles en las calles de Belo Horizonte para indicar la presencia de arroyos, afluentes del Ribeirão Arrudas, canalizados bajo las calles de la ciudad. Esta obra forma parte de la investigación poética *Entre Rios e Ruas* – compuesta por dibujos, fotografías, objetos, videos, instalaciones y performances – que reflexiona sobre las relaciones entre ciudad, medio ambiente e individuo, tomando como punto de partida la relación que estableció Belo Horizonte desde su fundación y aún hoy se establece con los ríos y arroyos presentes en su territorio. El objetivo de “Sobre o Rio”, así como de las otras obras que lo precedieron, fue sacar a la luz poéticamente la presencia de arroyos invisibilizados en Belo Horizonte. El objetivo es, por tanto, motivar un cambio cultural en la relación que la ciudad establece con sus cursos de agua, bajo el supuesto de que promover el reconocimiento concreto de la existencia de los arroyos con el gobierno

local y el ciudadano común representa el primer paso para asegurar la preservación de los ríos. estas corrientes e incorporar su presencia en las políticas urbanas. Algunos de los elementos a destacar en este trabajo son el carácter público y permanente de “Sobre o Rio”, su condición de monumento a la ciudad, y las características del proceso de creación, construcción e instalación que llevan a un difuminado de los límites entre la obra de arte y una intervención del gobierno de la ciudad.

Palabras clave - Arte contemporáneo, intervención urbana, medio ambiente, Belo Horizonte

1. INTRODUÇÃO

A ocupação do espaço urbano e sua relação com o meio ambiente é uma das questões centrais da contemporaneidade. De caráter eminentemente interdisciplinar, este tema tem sido debatido em áreas tão diversas como urbanismo, antropologia, filosofia, artes, geografia, ciências ambientais, etc. No contexto da arte contemporânea, o tema tem sido abordado de forma poética por diversos artistas no Brasil e no exterior, com o objetivo de despertar a consciência e chamar a atenção para questões de interesse global. Minha reflexão em torno da temática dos córregos em Belo Horizonte se inicia em 2006, quando retorno à cidade após cinco anos de ausência, e me deparo com o encobrimento de parte do Ribeirão Arrudas por uma avenida, o chamado Boulevard Arrudas. Neste momento, se apaga da paisagem da cidade parte de um rio muito presente em sua história e na memória de seus habitantes. Esse apagamento da paisagem me causou grande estranhamento, e motiva esta reflexão. Em seguida, passei a morar em um apartamento térreo, localizado sobre um dos córregos canalizados da cidade, o córrego da Serra. A umidade que vem do solo causava o aparecimento de mofo nas paredes, o que passei a registrar cotidianamente. O rio invadia minha casa.

A partir dessas inquietações, senti a necessidade de abordar a presença das águas na cidade por meio de uma produção poética. Boa parte do meu trabalho passou, então, a se desenvolver em torno desse tema, dando origem a uma pesquisa mais ampla, à qual dei o nome de *Entre Rios e Ruas* (Prado, 2013). Uma produção que busca tornar visíveis os rios e córregos invisibilizados em Belo Horizonte e, a partir desse enfoque, repensar nossa relação com o que está à nossa volta. Assim, um conjunto de trabalhos foi desenvolvido ao longo do tempo, tendo como fio condutor as relações entre cidade, meio ambiente e indivíduo¹. Cabe aqui mencionar alguns desses trabalhos, de modo a contextualizar a trajetória que deságua na realização de “Sobre o Rio”, foco principal deste capítulo. “Mapa Mofo” é um vídeo realizado a partir de imagens de infiltrações nas paredes de casa, próximo ao Córrego da Serra, em Belo Horizonte, formando espécies de manchas cartográficas (figura 1). Segundo Diniz (2012: 15),

¹ Em 2012, o projeto *Entre Rios e Ruas* foi apresentado em exposições em Brasília (Funarte-DF) e Belo Horizonte (SESC, Palladium).

Lentamente, (...) os mapas formados pelo bolor conduzem uns aos outros, paulatinamente alterando e expandindo, fronteiras. O branco ganha tons ocre, o plano adquire volume: o rio se insinua por entre tijolos e massa corrida, como se desenhasse seu se desenhasse seu próprio percurso.



Figura 1: Mapa Mofo. Vídeo, 12 minutos, 2012.

“Joia”, por sua vez, é um adorno em ouro, com 9,5 cm de comprimento, que replica em escala 1:10.000 o traçado dos últimos 950m de leito natural do Ribeirão Arrudas nos limites territoriais de Belo Horizonte (ver figura 2). Explora, assim, a relação entre corpo, espaço e escala. A escolha do material reafirma a preciosidade do rio e o uso da “Joia” representa uma bandeira em favor da reflexão sobre a preservação dos rios, córregos e nascentes.

A instalação “Repaisagem” – com caixas de madeira, alto-falantes, chapas de zinco –, propõe a participação do espectador na construção de novas paisagens, a partir da manipulação de mantas magnéticas azuis, que correspondem a todos os trechos de córregos em leito natural no município de Belo Horizonte (ver figura 3). A instalação contém ainda um elemento de áudio, que corresponde ao som desses mesmos córregos, mas em trechos canalizados, que correm sob as ruas da área central da cidade. O caráter interativo da obra reforça a potência da participação pública como elemento de transformação e de reconstrução da realidade. O desenho que resulta dessa interação está sempre em formação e reafirma a ideia de impermanência e de renovação, tão fundamental aos cursos d’água.

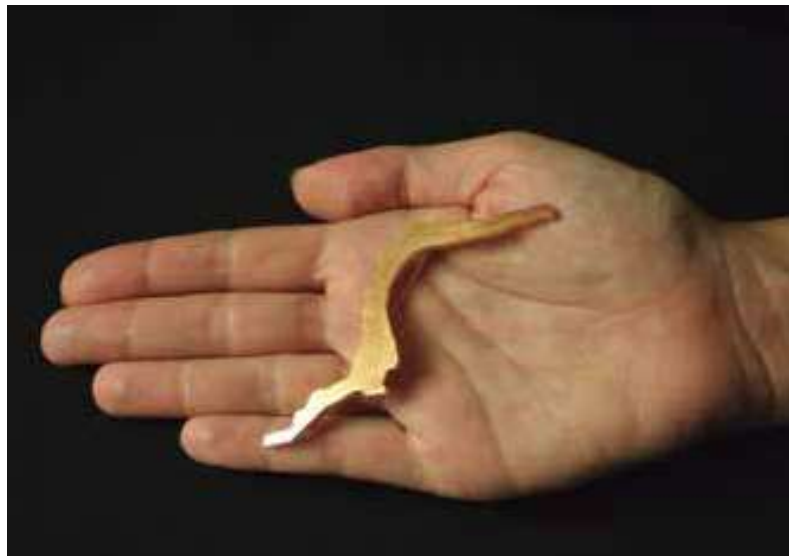


Figura 2: Joia. Adorno em ouro 18 quilates, 9,5cm, 2010.

A respeito de “Repaisagem”, Jesus (2012: 138) afirma:

[A] dinâmica entre visíveis-invisíveis é também o ponto de partida para Repaisagem. Uma paisagem que, assim como as demais, é construída pelos agenciamentos sociais, culturais, estéticos e políticos, mas redesenhada e redefinida pela participação do público que, tomando trajetos e derivas, desenvolve uma imaginária bacia hidrográfica pautada em fragmentos recortados do real. Enquanto isso, pode-se ouvir os sons de rios ocultados na paisagem urbana. Paradoxo de uma situação limítrofe entre o que está ali e não se pode mais ver, contraposto ao que vemos em representação tomado como ponto de partida para uma recriação.



Figura 3: Repaisagem. Instalação (caixas de madeira, alto-falantes, chapas de zinco), 2.00 x 6.00 x 3.00m, 2010.

O desenvolvimento dos trabalhos acima mencionados, bem como outras obras realizadas no âmbito da pesquisa *Entre Rios e Ruas*, me levou a perceber a necessidade de o trabalho sair do ambiente das galerias e alcançar o espaço público, a rua. A busca pela visibilidade dos córregos não poderia estar dissociada da visibilidade do trabalho na cidade. A performance “Lição: se essa rua fosse um rio” nasce deste esforço de trazer o trabalho para mais perto do cidadão comum, do transeunte. “Lição” consiste em uma sequência de aulas de violino na rua, em que o professor tenta me ensinar a execução da melodia de domínio público “Se esta rua fosse minha” (ver Figura 4). As lições ocorrem sempre em ruas sob as quais correm trechos dos córregos canalizados em diversos pontos da cidade, que dessa forma são trazidos à luz poeticamente. Como eu nunca tive qualquer contato prévio com o instrumento, tenho grande dificuldade inicial para aprender a “lição”. O trabalho é visto como uma metáfora para a dificuldade em estabelecer uma nova relação e uma nova consciência da cidade acerca do ambiente. Ao mesmo tempo, a letra da música carrega consigo, assim como em “Repaisagem”, a ideia de reconstrução da paisagem a partir do desejo e da potência da participação pública. Segundo Martins (2016: 92),

“Lição: se essa rua fosse um rio” parte de um mapeamento dos córregos cobertos na cidade, cujos traçados naturais foram redirecionados de forma a se adequar ao planejamento do espaço urbano. Denunciando a invisibilidade a que esses rios e as memórias que carregam foram submetidos nesse processo, Isabela Prado rearticula a transparência desses gestos e cartografias do poder ao ativar os espaços de encontro entre os rios submersos e as ruas pavimentadas em suas performances, propondo assim um momento de “recriação da cidade”, assim como na possibilidade de recriação que reverbera da letra da canção.



Figura 4: Lição: se essa rua fosse um rio. Performance, aprox. 60 minutos, 2011-2016.

2. “SOBRE O RIO”

A realização da performance “Lição: se essa rua fosse um rio” permitiu dar visibilidade aos córregos afluentes do Ribeirão Arrudas, canalizados em diversos pontos da cidade. As ações não eram previamente anunciadas, pois o objetivo era justamente atingir o público local de forma espontânea, e não o de criar ali um espetáculo artístico direcionado ao público especializado, que se dirigiria ao local especificamente para a apreciação da obra. Apesar desse objetivo ter sido atingido, a execução das “lições” deixou claro que sua efemeridade limitava o seu alcance: o trabalho atingia aqueles que circunstancialmente estivessem passando pelos locais no momento da realização da performance. A perpetuação do trabalho se deu por meio de uma publicação (Prado, 2016), cujo impacto, uma vez mais, se via majoritariamente circunscrito a um público especializado. Essa percepção está na origem do desejo de criar um trabalho que ocupasse as ruas de forma permanente. Que não apenas saísse do ambiente da galeria e pudesse alcançar um público mais amplo, mas também que cumprisse de forma mais persistente o papel de trazer visibilidade aos córregos canalizados e promover uma maior conscientização dos cidadãos a respeito da questão. Meu entendimento era de que uma mudança cultural era necessária, e que um frutífero ponto de partida seria o reconhecimento público e coletivo da existência desses cursos d’água invisibilizados na cidade. A intervenção “Sobre o Rio” nasce em consequência desse entendimento. Submetido inicialmente como um projeto da área de artes visuais para o Edital 2017-2018 da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte, propunha a instalação de placas de sinalização em ruas e avenidas sob as quais passam córregos, afluentes do Ribeirão Arrudas, canalizados. A ideia era utilizar a estrutura de balizas já existente na cidade para sinalização das ruas e acrescentar, logo abaixo das placas de rua e com as cores opostas, a sinalização do córrego correspondente.

362

Uma vez aprovado naquele edital, “Sobre o Rio” percorre uma longa trajetória até sua efetiva execução. As primeiras ações foram a captação dos recursos necessários para a realização da obra e as definições iniciais quanto à sua instalação. Neste caso, a limitação orçamentária não permitia a sinalização dos córregos afluentes do Ribeirão Arrudas em toda a cidade. Minha escolha, então, foi por iniciar a sinalização pelos córregos contidos no perímetro da Avenida do Contorno, núcleo do planejamento original de Belo Horizonte. Assim, fiz um mapeamento dos trechos canalizados dos córregos nessa região, e das balizas já existentes com as placas indicativas dos nomes das ruas. Minha proposta era de que o trabalho fosse uma intervenção permanente na cidade, e para tanto necessitaria da aprovação dos órgãos responsáveis pela regulação urbana na Prefeitura de Belo Horizonte. Além disso, decidi que as placas com nomes dos córregos não deveriam ser assinadas ou conter elementos que as identificassem de imediato com uma obra de arte. Ao contrário, a ideia era que as placas tivessem características semelhantes às placas de rua existentes, de modo que se integrassem mais naturalmente à paisagem da cidade. Assim, solicitei à prefeitura as especificações técnicas das placas de rua, e iniciamos a produção das placas de “Sobre o Rio”, obedecendo às mesmas especificações, em termos de dimensão, ma-

terial, cores, fontes e acabamento. No entanto, inverti as cores da placa – fundo branco e texto azul – de modo a criar uma diferenciação e um contraste em relação às placas existentes (ver figura 5).



Figura 5: Modelos das placas da intervenção urbana “Sobre o Rio” (2018-2020).

Ao longo de 2019, o pedido de aprovação da instalação das placas tramitou em diversas instâncias da Prefeitura de Belo Horizonte. O ineditismo da situação criou inicialmente certa lentidão no processo, pois não havia clareza sobre quais órgãos seriam responsáveis pelo caso: era um trabalho artístico, mas sua execução não dependia dos órgãos responsáveis pela cultura na Prefeitura de Belo Horizonte; por outro lado, não era uma sinalização de nome de rua, tampouco uma sinalização de trânsito. Após algumas idas e vindas, a instalação das placas com o nome dos córregos foi finalmente aprovada pela Subsecretaria de Planejamento Urbano da Prefeitura de Belo Horizonte. Com a definição das especificações técnicas e com a aprovação da prefeitura em mãos, foi iniciada a confecção das cerca de 230 placas em aço, necessárias para sinalizar os trechos dos afluentes do Ribeirão Arrudas dentro do perímetro da Avenida do Contorno, utilizando as balizas de rua já existentes. Os córregos a serem sinalizados eram Acaba-Mundo, Barro Preto, Leitão, Mendonça, Serra e Zoológico. Além desses, identificamos nos mapas um afluente do Córrego da Serra, na região do Bairro Santa Efigênia, que aparentemente não tinha sido ainda nomeado, de acordo com todos os registros e informações aos quais tivemos acesso². Neste caso, as placas que instalamos dizem apenas “Afluente do Córrego da Serra”.

No final de 2019, foi concluída a fabricação de todas as placas, e o início de sua instalação nas ruas foi programado para fevereiro de 2020, após as férias dos funcionários da empresa responsável. Nesse meio tempo, em janeiro de 2020, Belo Horizonte foi atingida por

² Para uma visão do processo de canalização dos córregos ao longo da história de Belo Horizonte, ver Borsagli (2016).

fortes chuvas, e vários dos córregos da cidade transbordaram, causando grande transtorno e muita destruição. Esse evento trouxe um impacto inesperado ao “Sobre o Rio”: quando iniciamos a instalação das placas – particularmente, com a sinalização do Córrego do Leitão em um dos locais mais castigados pela enchente do mês anterior, a suposição de muitos transeuntes foi de que se tratava de uma ação da prefeitura, em reação ao ocorrido. Era como se, com aquelas placas, a prefeitura alertasse a população sobre a presença dos córregos e, conseqüentemente, sobre o risco de enchentes em períodos de chuva forte. Ficou claro também, naquela ocasião, que o interesse jornalístico em relação ao projeto se ampliou por sua (inesperada) associação com as recentes enchentes na cidade. Curiosamente, a divulgação pública de “Sobre o Rio” nos veículos de comunicação (jornais, TVs e sites locais e nacionais) se deu muito mais pelas pautas ligadas ao cotidiano das cidades do que pelas pautas de Arte e Cultura. De certa maneira, isso foi um indicativo de que o trabalho havia “furado a bolha”, tal como desejávamos, dialogando com um público mais amplo, para além do circuito especializado das artes e da cultura. Em fevereiro e março de 2020, foi possível instalar a maioria das placas de sinalização dos córregos previstas no projeto (figura 6). No entanto, antes de concluirmos todo o processo, a instalação teve que ser interrompida, dado o fechamento da cidade em virtude da pandemia de COVID-19.



Figura 6: “Sobre o Rio”. Intervenção urbana, aproximadamente 230 placas de aço (2018-2020).

Em novembro de 2020, aproveitando a reabertura parcial da cidade em um momento de melhoria nos indicadores da pandemia, recebemos a visita do curador do projeto, Josué Mat-

tos, e executamos a instalação das placas restantes. Com isso, o processo de sinalização de todos os trechos dos córregos canalizados dentro do perímetro da Avenida do Contorno foi concluído.

3. ALGUMAS OBSERVAÇÕES ADICIONAIS A RESPEITO DE “SOBRE O RIO”

A intervenção urbana “Sobre o Rio” é gestada em consequência de uma reflexão e de uma produção plástica de vários anos acerca da relação entre espaço urbano e meio ambiente, particularmente no que se refere à invisibilização dos córregos na cidade de Belo Horizonte. O ponto de partida desse projeto foi a percepção de que os córregos têm forte conteúdo simbólico, estão ainda presentes no imaginário e na memória de uma parte da população e, assim, representam um importante patrimônio imaterial para a cidade.

O objetivo de “Sobre o Rio”, bem como dos demais trabalhos que o precederam, no âmbito da pesquisa *Entre Rios e Ruas*, foi o de poeticamente trazer à luz os córregos invisibilizados em Belo Horizonte. Busca-se, com isso, motivar uma mudança cultural na relação que a cidade estabelece com seus cursos d’água, sob a suposição de que promover o reconhecimento concreto da existência dos córregos junto às instâncias da administração municipal e ao cidadão comum, representa o primeiro passo para garantir a preservação desses córregos e incorporar sua presença nas políticas urbanas.

A experiência dos trabalhos anteriores levou a um conjunto de definições em relação a “Sobre o Rio”, para que ele pudesse atingir melhor seus objetivos. Em particular, foi fundamental a ideia de que o trabalho constituísse uma intervenção direta na cidade e de caráter permanente. No entanto, para que estas duas características pudessem ser atendidas, sua construção demandou uma “infiltração” no poder público municipal, responsável por autorizar uma intervenção urbana desse tipo. Por outro lado, as escolhas em relação a não “assinar” a obra, usar as balizas de rua já existentes e seguir as especificações técnicas das placas de rua para a confecção das placas de sinalização dos córregos levaram “Sobre o Rio” a se mimetizar na cidade, e se confundir com uma ação da prefeitura de Belo Horizonte. Ainda hoje, e provavelmente por muito tempo, a maioria da população que cotidianamente circula nas ruas e avenidas em que a sinalização dos córregos está instalada entende aquela informação como uma intervenção do poder público. Outro aspecto importante de “Sobre o Rio” é que, em seu conjunto, ele representa um monumento para a cidade, uma vez que presta uma homenagem ou perpetua uma determinada história ou memória. Ao contrário dos monumentos convencionais representados por uma estátua ou obra em local determinado, “Sobre o Rio” é um monumento pulverizado, especialmente desconcentrado e, neste sentido, mais integrado à paisagem da cidade. Nosso objetivo é que este trabalho possa ser oficialmente reconhecido como um monumento pelo poder público municipal, para que sua manutenção e expansão possam fazer parte das atribuições da Prefeitura de Belo Horizonte.

Por fim, cabe mencionar que o impacto mais fundamental de “Sobre o Rio” está na mudança de percepção dos indivíduos em relação ao seu entorno, em relação aos espaços urbanos que frequentamos cotidianamente. Os córregos urbanos, uma vez trazidos à luz pelo processo de identificação e sinalização promovido por “Sobre o Rio”, passam a ser referências geográficas na cidade, e interferem em nossa noção espacial, nossas estratégias de localização e nossa percepção do ambiente. Um episódio recente que ajuda a entender e confirmar essa mudança foi uma reportagem publicada recentemente em um jornal local de grande circulação, a respeito de fortes chuvas que haviam causado pontos de alagamento em algumas regiões da cidade. Diferentemente de outros momentos em que episódios dessa natureza eram relatados, nesta reportagem a descrição dos locais de alagamento incluía não apenas o nome das ruas ou avenidas, mas também o nome dos córregos que passavam por aqueles trechos (Costa, 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo teve como foco central apresentar a obra “Sobre o Rio”, intervenção urbana permanente que sinalizou com placas de rua os córregos canalizados na região central de Belo Horizonte. “Sobre o Rio” é parte de uma pesquisa mais ampla que desenvolvo desde 2006, intitulada *Entre Rios e Ruas*, que aborda de forma poética a relação entre a cidade e seus córregos, e que deu origem a um conjunto de trabalhos, em mídias diversas, como vídeo, desenho, instalação, performance, objeto.

O propósito central desse conjunto de trabalho é trazer à luz os córregos invisibilizados de Belo Horizonte, de modo a conscientizar as pessoas sobre a presença desses cursos d’água e provocar o poder público municipal a respeito das políticas públicas adequadas para sua preservação. “Sobre o Rio”, em particular, têm características essenciais para atingir esses objetivos, como o fato de ser uma intervenção pública, que utiliza o espaço da cidade, e de ter caráter permanente. Como artista visual, gostaria de concluir este relato destacando o papel da arte na contemporaneidade. *Entre Rios e Ruas* se apresenta como um exemplo de rico diálogo entre arte contemporânea e outras áreas do conhecimento, como geografia, história, ecologia, arquitetura e urbanismo. Mais ainda, a arte se coloca nesse cenário como formadora de uma nova visão de mundo. Ao se “infiltrar” nas ações do poder público municipal e viabilizar uma intervenção permanente na cidade, “Sobre o Rio” altera a percepção dos cidadãos em relação ao espaço urbano e coloca em evidência a presença dos cursos d’água invisibilizados em Belo Horizonte. Esta é uma mudança cultural permanente, com grandes implicações para o debate sobre o tema e sobre as políticas públicas a serem adotadas no futuro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Borsagli, A. (2016). *Rios invisíveis da metrópole mineira*. Belo Horizonte: Ed. do Autor

Costa, M. (01 de novembro de 2021). Defesa civil registra inundação em pelo menos três avenidas de BH nesta segunda-feira. *Jornal Estado de Minas*. Disponível em : https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/11/01/interna_gerais,1319104/defesa-civil-registra-inundacao-em-pelo-menos-tres-avenidas-de-bh-nesta-2.shtml. Acesso em 02/11/2021.

Diniz, C. (2012). Rios, ruas, visibilidades. In: *Entre Rios e Ruas* – Curadoria: Clarissa Diniz. Brasília: FUNARTE (Catálogo de exposição). Disponível em: https://issuu.com/isabela.prado/docs/isabela_prado-catalogo_funarte-s Acesso em 02/11/2021.

Jesus, E. (2012). Cartografias quase invisíveis. In: Gómez, J. C. (Org.). *Isabela Prado: entre rios e ruas*. Belo Horizonte: SESC Minas. Disponível em: <https://issuu.com/sescmg/docs/entrerioseruascatalogo> Acesso em 02/11/2021.

Martins, J. (2016). Notas a partir de ‘Lição: se essa rua fosse um rio’. In: Prado, I. *Lição: Se essa rua fosse um rio*. Belo Horizonte: Ed. Nunc. Disponível em: https://issuu.com/isabela.prado/docs/isabela_prado_-_livro_lic_a_o_se_essa_rua_fosse_um

Prado, I. (2013). (In)Visível sob a Cidade: o projeto Entre Rios e Ruas. *Revista da UFMG*, (20), 1: 298-305, jan./jun. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2685/1551> Acesso em 02/11/2021.

Prado, I. (2016). *Lição: se essa rua fosse um rio*. Belo Horizonte: Ed. Nunc.